



Revista Comunicação Midiática
ISSN: 2236-8000
v. 16, n. 2, p. 77-80, jul./dez. 2021

Teatro de poder: mascarando violências e cristalizando a pobreza

Teatro de poder: enmascarando la violencia y cristalizando la pobreza

Power theater: masking violence and crystallizing poverty

Beatriz de Paula Menani

Possui graduação em Comunicação Institucional pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná (2017), pós-graduação lato-sensu intitulada MBA em Marketing pela Universidade de São Paulo/Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz" (2020). Atualmente é mestranda em Comunicação pela Universidade Estadual de Londrina.

biamenani@gmail.com

Resenha de: FONSECA, André Azevedo da. **A metrópole imaginária.** Curitiba: Editora UFPR, 2020. 232 p. ISBN 978-65-87448-08-4.

O livro *Metrópole Imaginária* (2020), do historiador André Azevedo da Fonseca, conta a história da cidade de Uberaba (MG) nos anos 1940 e das tentativas das elites regionais em criar uma imagem de prosperidade, modernidade e prestígio para a cidade e para si próprios, com o objetivo de legitimar a busca por poder e as violências empreendidas sob a máscara da civilização. Utilizando jornais locais, a elite construiu cenários, personagens, relações sociais e narrativas ilusórias, se distanciando da realidade do município, que consistia em pobreza e analfabetismo.

André Azevedo da Fonseca é professor e pesquisador no Centro de Comunicação e Artes da Universidade Estadual de Londrina. Nasceu em Uberaba e, em sua trajetória como pesquisador, se interessou em estudar a cidade natal, os mitos e as personalidades da mesma. O livro é resultado da tese de doutorado em História.

Na introdução, o autor apresenta o conceito de imaginário e discute como a utilização de símbolos pode orientar comportamentos e violências.

O capítulo 1, intitulado “A vila dos coronéis”, apresenta a economia, a política e o jogo de poder em Uberaba, destacando a precariedade e a pobreza. O poder e o sucesso econômico se concentravam em uma pequena elite composta, principalmente, por coronéis que se utilizavam dos títulos militares decorativos para ganhar prestígio social. O historiador apresenta a centralidade que as atividades rurais tinham na cidade, demonstrando como a criação do boi zebu foi importante para a economia do município, tornando-se um símbolo de prosperidade. Os principais problemas da cidade eram a falta de rede de água potável, energia elétrica, asfalto e higiene pública. Com a revolução de 1930, as estruturas oligárquicas de poder sofrem mudanças e Whady Nassif, filho de imigrantes, torna-se prefeito. Ele realizou transformações urbanas, como redes de água encanada e esgoto, calçamento, avenidas e praças, que contribuiriam para um novo imaginário envolvendo modernização, civilização e cultura. Após as mudanças políticas, as elites se dedicaram a construir um teatro social para legitimar seus poderes: a metrópole imaginária. Foi através dela que exerceram o controle social através de uma sutil violência simbólica.

No segundo capítulo, intitulado “O teatro social da consagração pública”, o autor utiliza exemplos para mostrar como a imprensa local foi usada na construção da narrativa do imaginário daquela sociedade. Os dispositivos de teatrocracia utilizados regulavam a vida coletiva de maneira que cada elemento e cada personagem possuíam lugares próprios. A imprensa local criticava apenas o número excessivo de pessoas em situação de rua, incluindo os leprosos, além de noticiar as deficiências no fornecimento de água e energia. Ademais, ela exaltava as virtudes morais das elites, anunciava os eventos sociais, as obras de caridade e os elogios e homenagens que a elite trocava entre si.

As elites da cidade de Uberaba adotaram diversos recursos simbólicos para expressar sua distinção: de estilos arquitetônicos a palavras francesas no dia a dia. Assim, criavam distância dos demais moradores da cidade que eram apenas espectadores desse teatro social. O distanciamento visava reforçar a imagem mistificada de superioridade da elite diante os espectadores. Este grupo criou um circuito de amabilidades com trocas de elogios públicos e cerimônias de homenagens entre si. Participar de clubes e associações era, também, uma

forma de distinção através de poder, influência e status. A circularidade dos elogios e adulações reforçava a segregação.

O autor destaca como a elite era retratada, não só como abastada economicamente e com uma ativa vida social, mas como boa e virtuosa. O discurso de bondade era utilizado para legitimar violências e exclusões de grupos da sociedade — tal como os leprosos. Neste capítulo o autor apresenta quatro elites distintas: urbanas, que se utilizavam da filantropia como parte da encenação; agrárias, que ostentavam publicamente as próprias terras e fortunas, tendo como ápice de exibição a exposição agropecuária anual; políticas, que encomendavam reportagens à imprensa local e procuravam se associar às autoridades nacionais através de fotos e as elites ilustradas, que eram formadas pelos intelectuais e procuravam consagração social, grandeza e erudição.

O terceiro capítulo, intitulado “Etiqueta e Poder”, explica como as regras de etiqueta funcionavam como forma de controle, criando distâncias entre estratos sociais e cristalizando os lugares de cada personagem no cenário de Uberaba. O autor retratou como a imprensa utilizava verbos no futuro para se referir ao potencial progresso da cidade. O ufanismo local abarcava passado e futuro, a elite era retratada como herdeira da história e a única que poderia ajudar a cidade a alcançar um futuro prodigioso. Em 1942, quando o Brasil declarou guerra ao Eixo, o bairrismo das elites foi substituído pelo patriotismo. Nesse capítulo o autor destaca, ainda, que os indivíduos têm consciência da teatralização que realizam, eles conhecem a realidade uns dos outros e os problemas velados pelo imaginário construído, mas não abandonam o teatro, pois este representa vantagens sociais e oportunidades.

No último capítulo, “Cinderela ou Cidadã?”, o historiador introduz a moradora de Goiânia, Jussara de Souza Márquez, que conquistou o título de Miss Brasil, e o convite feito a ela para visitar Uberaba. Trata, também, do culto e admiração que a cidade dedicou a Jussara, pois seu simbolismo de Cinderela do Sertão unia nostalgia do império e modernidade. O autor conta como foi o processo de espera em Uberaba até a data de receber a Miss. Entre mudanças de datas e planos, sua primeira passagem foi breve, em uma escala entre voos, mas foi relatada na imprensa local como um grande acontecimento. Fonseca conta sobre a tentativa de ingresso de Jussara na política e sua derrota eleitoral, tendo a candidatura inviabilizada por boatos. E, ao final, conta sobre a visita da Miss a Uberaba, quando ela foi representada como dama, virtuosa e portadora de boas maneiras e civilidade. Jussara foi um símbolo de prestígio e distinção para as elites. Tanto o culto a Jussara quanto a reação à candidatura política representam sua objetificação. Ela não pôde ocupar o cargo de vereadora, pois a mesma elite que a elevou em elogios a reconduziu a seu lugar na sociedade.

No epílogo, intitulado “A era da ilusão”, André Fonseca escreve com Francisco Marcos Reis, trazendo características atuais de Uberaba. Eles defendem que a cidade não possui mais os ideais da metrópole imaginária. Após o jornal local *Lavoura e Comércio* falir, os símbolos do imaginário da metrópole também entraram em decadência.

Apesar da pesquisa se referir à cidade de Uberaba nos anos de 1940, ela é atual, pois traz contribuições para a análise e discussão da construção de imaginários das cidades brasileiras. Ainda hoje as mídias são utilizadas para propagandear e ilustrar os imaginários de prosperidade e belezas naturais do paraíso brasileiro. Mascaram problemas e fabular imagens que legitimam o poder através de violência simbólica é um recurso amplamente empregado, principalmente, para a propaganda política.

Recebido em: 6/12/2021

Aceito em: 12/01/2022